

ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA (ABA) COMO ESTRATÉGIA DE INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

APPLIED BEHAVIOR ANALYSIS (ABA) AS A STRATEGY FOR INCLUSION IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION

Iramaia Silva Carlos¹

Recebido em 23/09/2024

Aprovado em 20/11/2024

RESUMO

Pensar a inclusão se faz necessário e é algo que vem ganhando espaço na atualidade. Nesse sentido, a proposta do artigo é considerar e investigar o uso da ciência ABA (Análise do Comportamento Aplicada) como estratégia de inclusão de crianças com autismo no contexto da educação infantil, no Brasil. Inicialmente, mencionei conceitos de ABA e sua inter-relação com a educação, Transtorno do Espectro Autista (TEA) e inclusão. Desse modo, foi realizada uma revisão integrativa com o objetivo de mapear produções científicas nacionais que se tratassem do tema em questão, especificamente entre os anos 2012 e 2024. Nas bases de dados utilizadas e definidas previamente, foram empregados os seguintes termos: ABA, Inclusão escolar, Educação infantil e Autismo, os quais foram combinados com “AND” de forma a alcançar o proposto. Por fim, se tornou evidente a escassez de produções científicas que inter-relacionam ABA, inclusão e educação infantil nas bases de dados definidas previamente, o que indica um campo interessante para desenvolvimento de pesquisas futuras de relevância.

Palavras-Chave: Análise do Comportamento Aplicada, Inclusão, Educação Infantil.

ABSTRACT

Thinking about inclusion is necessary and is something that is gaining ground today. In this sense, the purpose of this article is to consider and investigate the use of the science of ABA (Applied Behavior Analysis) as a strategy for the inclusion of children with autism in the context of early childhood education in Brazil. Initially, I mentioned concepts of ABA and its interrelationship with education, Autism Spectrum Disorder (ASD) and inclusion. In this way, an integrative review was carried out with the aim of mapping national scientific productions dealing with the topic in question, specifically between the years 2012 and 2024. The following terms were used in the databases used and defined previously: ABA, School inclusion, Early childhood education and Autism, which were combined with “AND” in order to achieve what was proposed. Finally, the scarcity of scientific productions that interrelate ABA, inclusion and early childhood education in the previously defined databases became evident, which indicates an interesting field for the development of relevant future research.

Keywords: Applied Behavior Analysis, Inclusion, Early Childhood Education.

INTRODUÇÃO

Análise do Comportamento Aplicada (ABA), Autismo e inclusão são temas que estão cada vez ganhando mais espaço na atualidade, principalmente no que tange a construção de estratégias eficazes de inclusão de crianças autistas em diversos

¹ Graduada em Psicologia (Unex), Pós-Graduada em ABA (PUC-GO) e em Docência com Ênfase em Inclusão (IFMG). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Análise do Comportamento e Educação -GEPAE/CNPq. Email: iramaiasilva.c@gmail.com

contextos. Desse modo, o presente artigo surge com o objetivo de responder a seguinte questão: De que forma a ciência ABA pode ser utilizada como estratégia de inclusão de crianças autistas no contexto da educação infantil? Vale ressaltar que não há a intenção de esgotar o tema, apenas adentrar a questões pertinentes para o propósito definido aqui.

Considerando o proposto, de início apresento uma hipótese a ser observada durante a construção do artigo: Não há recursos suficientes na educação infantil regular pública para um processo de inclusão efetivo. Além disso, como objetivo geral temos: Investigar e sugerir possibilidades de como Análise do Comportamento Aplicada (ABA) pode ser implementada como ferramenta de inclusão em salas de aula da educação infantil. Por fim, os objetivos específicos são: Conceituar o que é ABA e como esta pode ser utilizada na educação infantil no que se refere a inclusão, apresentar de modo geral como é a inclusão escolar no Brasil associada ao TEA (Transtorno do Espectro Autista), discutir formas de implementar os princípios da ABA com o objetivo de incluir crianças autistas em sala de aula.

Nessa perspectiva, é relevante pensar o uso da ciência Análise do Comportamento Aplicada (ABA) como ferramenta que pode contribuir de forma efetiva ao processo de inclusão, tendo em vista o foco que a mesma tem em compreender como é a relação do sujeito com o meio social no qual está inserido, como este se comporta promovendo alterações no meio e como alterações no meio também alteram os comportamentos desse organismo. (SKINNER, 2003, p.7)

Assim sendo, pensar em processos inclusivos a partir da ótica comportamental, especificamente no que tange a educação infantil, em torno de 4 e 5 anos, e focando em aspectos que envolve inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), é também refletir sobre intervenção precoce e desenvolvimento infantil adequado que amplia a qualidade de vida de crianças e familiares a curto, médio e longo prazo. Nesse sentido, considerar quais ferramentas legais temos na atualidade que podem contribuir com o processo de inclusão bem como outras variáveis que o influenciam, tais como: recursos financeiros e de pessoal e profissionais capacitados, é necessário. Além disso, é válido refletir sobre quais fatores influenciam o processo de inclusão na educação infantil, tanto no aspecto positivo quanto negativo.

ABA- DEFINIÇÃO E PRINCÍPIOS BÁSICOS

De modo a oportunizar uma melhor compreensão sobre o que é a ciência Análise do Comportamento Aplicada, mais conhecida pela sigla ABA, do inglês Applied Behavior Analysis, faz-se necessária a construção dessa sessão teórica. A princípio, é importante mencionar que o Behaviorismo Radical, de B.F. Skinner, é a Filosofia dessa

ciência, mas, tem-se o aspecto Experimental e o Aplicado. Evidentemente, nossa atenção será direcionada ao aspecto aplicado, relacionado a como as técnicas desenvolvidas podem ser úteis a sociedade.

Em poucas palavras, Skinner enfatiza que devido à complexidade de observar e compreender o comportamento humano, um método científico contribuiria significativamente. Ou seja, a partir de uma observação sistematizada, seria possível compreender as variáveis das quais o comportamento é função visto que “o que o homem faz é o resultado de condições que podem ser especificadas e que, uma vez determinadas, poderemos antecipar e até certo ponto determinar as ações” (SKINNER, 2003, p.7). Nessa perspectiva, comportamento é compreendido como um produto da relação do organismo com o meio. Assim, meio ou ambiente é tudo que pode afetar o comportamento.

O comportamento é selecionado em três níveis: filogênese, ontogênese e cultura. Assim, nos comportamos influenciados por aspectos que foram passados ao longo do tempo dentro da espécie, por aprendizagens durante nossas vivências enquanto nos desenvolvemos, pela nossa história de vida, e pela cultura. (MOREIRA E MEDEIROS, 2019, p.147)

Ainda nessa concepção analítico-comportamental, vale mencionar que comportamento pode ser subdividido em reflexo e operante, sendo que o comportamento reflexo é caracterizado como aquele espontâneo, automático por assim dizer, como exemplo tem-se o retirar o dedo da agulha imediatamente após furá-lo ou o reflexo patelar; já o comportamento operante é, com as palavras de Skinner, aquele “que produz algum efeito no mundo ao redor”. Para o propósito desse artigo, focaremos no comportamento operante. (SKINNER, 2003, p.65)

Assim sendo, os comportamentos são selecionados e mantidos no repertório do organismo quando reforçados e deixam de ser emitidos pelo mesmo quando não produzem o reforço, ou seja, entram em extinção. É necessário enfatizar que o conceito de reforço aqui não diz respeito a recompensas, e sim a estímulo que amplia e mantém o comportamento no repertório comportamental do sujeito. Ou seja, existe uma relação entre o estímulo e o comportamento, que o autor denomina de relação contingencial. (SKINNER, 2003, p.72,76)

Um outro conceito relevante da ABA que é válido mencionar é o de punição, que também diz respeito ao efeito no comportamento, sendo diferente da ideia de punição pelo senso comum. Desse modo, punição é definida por Skinner como o acréscimo de um estímulo aversivo que suprime um comportamento ou retirada de um estímulo reforçador que produz o mesmo efeito no comportamento. Aversivo aqui é compreendido como algo que seja desconfortável para o organismo, enquanto reforçador é geralmente algo apetitivo. Nesse sentido, fica evidente que o que é

estímulo reforçador ou punidor para um comportamento de um organismo pode não ser para outro. (SKINNER, 2003, p.198-202)

Por fim, o reforço pode ser subdividido em intrínseco ou natural e extrínseco ou arbitrário. Basicamente a diferença entre ambos é que “estímulos reforçadores naturais seriam aqueles produzidos diretamente pelo comportamento, ao passo que estímulos reforçadores arbitrários seriam aqueles mediados, de alguma forma, pelo comportamento de outra pessoa”. (MOREIRA E MEDEIROS, 2019; p.62)

Um exemplo para melhor entendimento é o seguinte: Tenho interesse em ensinar uma criança ler e sempre que ela ler 3 páginas de um livro eu forneço a ela um objeto que ela quer muito por um determinado tempo, esse reforço é extrínseco, pois é externo ao comportamento de ler. Mas caso a criança nesse tempo de leitura se interesse pela história e continue a lendo porque gostou de fato e quer saber o que vai acontecer, o comportamento de ler está sendo reforçado intrinsecamente, o reforço está associado diretamente ao comportamento.

Vale enfatizar que a perspectiva da Análise do Comportamento Aplicada vem dos estudos de Skinner, que chamamos de Behaviorismo Radical por se divergir do behaviorismo metodológico de Watson, o qual negligenciava muitos aspectos importantes como emoções e não considerava comportamento aquilo que não poderia ser observado por mais de uma pessoa. (MOREIRA E MEDEIROS, 2019, p.213)

TEA, ABA E INCLUSÃO: ALGUMAS CONCEPÇÕES

46

Após a construção da sessão teórica sobre ABA, tornou-se perceptível a necessidade de elucidar de modo simplificado as concepções TEA, ABA e Inclusão. Mais precisamente, a ideia aqui é verificar essa inter-relação entre as noções e como a ciência ABA é usada hoje para além dos conceitos básicos apresentados resumidamente no tópico anterior.

Iniciarei definindo que o TEA é, segundo o DSM 5-TR, a versão atualizada do Manual Diagnóstico dos Transtornos Mentais, um Transtorno do Neurodesenvolvimento. Assim, o TEA ou Transtorno do Espectro Autista se caracteriza por: se iniciar na infância, dificuldades na interação social, comportamentos e interesses com padrões restritos e repetitivos, sendo que os sintomas causam prejuízos significativos ao indivíduo (2023, p. 102-112).

Nesse sentido, é evidente que a criança com TEA pode apresentar déficits em alcançar o que a OMS chama de marcos do desenvolvimento infantil, ou seja, ela pode apresentar dificuldades em desenvolver habilidades básicas que outras crianças típicas da mesma idade que ela. Vale mencionar que a OMS traz com o conceito de marcos do desenvolvimento a ideia de que o ser humano a medida que vai se desenvolvendo também vai se transformando em diversas áreas e ganhando novas

habilidades se comparado ao período anterior de sua vida. Seguindo essa lógica, é possível inferir que a medida que o tempo vai passando e a criança, exposta a contextos adequados para seu desenvolvimento típico, não desenvolve as habilidades consideradas compatíveis com sua idade, vai ter dificuldade em ser incluída nos ambientes em que se espera que ela se comporte de modo semelhante aos pares. (VARELLA E AMARAL, 2018, p.39-45)

É nesse cenário que a ABA desponta como uma ciência robusta com estratégias relevantes e que de fato contribui para ampliar a qualidade de vida de crianças com TEA, trabalhando o aumento de comportamentos importantes e que são inclusive pré-requisitos para a aprendizagem de outros comportamentos. Assim sendo, é pertinente considerar a utilização de estratégias de ABA no contexto da educação infantil e ponderar sobre a possibilidade de que as crianças tenham acesso a maiores oportunidades de aprendizagem e interação social naquele contexto. (SELLA E RIBEIRO, 2018, p.55)

A Base Nacional Curricular Comum (BNCC) traz que o período da educação infantil é entre 0 e 5 anos, sendo obrigatório a matrícula apenas para crianças de 4 e 5 anos. Esse período da educação é significativo para o desenvolvimento integral da criança visto que a mesma aprende a partir da interação social e na sua experiência com o brincar, tanto com pares quanto com adultos. Assim, no contexto da educação infantil bem estruturada a criança aprende sobre “a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções” (2018; p.39). Assim sendo, é possível pensar que o uso de estratégias ABA podem ser inseridas nessa fase da educação formal com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento de muitas dessas habilidades para às crianças com TEA que terão dificuldades em adquiri-las.

Em resumo, o uso de estratégias individualizadas de ABA pode ser muito útil na promoção da inclusão no contexto da educação infantil. Inclusão aqui compreendida como adaptação de escolas e profissionais de educação às necessidades dos estudantes, conceito enfatizado na Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva de 2008 (p. 8) pela sua importância. É nesse sentido que uma análise das produções científicas especificamente com essa temática se faz necessária de modo a compreender o que temos sistematizado acerca do tema aqui no Brasil.

MÉTODO

Tipo de estudo

Foi realizada uma revisão integrativa qualitativa com objetivo de mapear as produções científicas quanto ao uso de ABA (Análise do Comportamento Aplicada)

como estratégia de inclusão na educação infantil, especificamente entre 4 e 5 anos. Além disso, os resultados serão discutidos de modo integrado.

A revisão integrativa qualitativa proporciona uma sistematização mais rigorosa exigida pelo método científico e possibilita o desenvolvimento de um senso crítico mais acurado bem como amplia a percepção das produções relacionadas com a área de interesse do pesquisador (RODRIGUES; SACHINSKI; MARTINS; 2022).

Bases indexadoras e termos empregados

Os artigos utilizados foram selecionados nas seguintes bases de dados: Scielo e BVS (Biblioteca Virtual em Saúde). As palavras chaves utilizadas foram: “ABA”, “Inclusão escolar”, “Educação Infantil”, “Autismo”. O uso desses descritores proporcionou um direcionamento mais efetivo aos estudos relacionados ao tema em questão.

CrITÉRIOS de inclusão e de exclusão

Foram incluídos: (a) produções que tratassem sobre o uso de ABA (Análise do Comportamento Aplicada) como ferramenta de inclusão em salas de aula da educação infantil nas bases de dados que utilizamos entre 2012 e 2024; (b) Produções publicados acerca do tema no Brasil e em língua portuguesa entre os anos 2012 e 2024 nas bases de dados estipuladas.

Foram excluídos: (a) materiais que não fossem artigos ou produtos educacionais (b) materiais que não cumpriam o critério de tempo definido previamente; (c) produções internacionais d) materiais que se mostrassem distante do tema mesmo que tenham aparecido durante a seleção nas bases de dados com os descritores utilizados.

Procedimento e Coleta dos dados

Durante 27/08/2024 e 30/08/2024 o procedimento de coleta do material foi realizado com o uso das seguintes palavras-chave: “ABA”, “Análise do Comportamento Aplicada”, “Inclusão escolar”, “Educação Infantil”, “Autismo”. De modo a ampliar a precisão da coleta, foi utilizado o operador booleano “AND” com o objetivo de combinar os descritores.

Assim, a combinação dos descritores se deu como descrito nos quadros abaixo para cada uma das bases de dados:

Quadro 1:

Descritores utilizados no Scielo	Resultado final por descritor
ABA AND Inclusão escolar AND Autismo	0 material encontrado
ABA AND Educação Infantil AND Autismo	0 material encontrado
Autismo AND Educação Infantil AND Análise do Comportamento Aplicada	0 material encontrado

Fonte: elaborado pela autora com dados do Pepsic (2024)

Quadro 2:

Descritores utilizados na BVS	Resultado final por descritor
ABA AND Inclusão escolar AND Autismo	0 material encontrado
ABA AND Educação Infantil AND Autismo	0 material encontrado
Autismo AND Educação Infantil AND Análise do Comportamento Aplicada	1 material encontrado

Fonte: elaborado pela autora com dados do BVS (2024)

Como observado no Quadro 1, não foram encontradas produções associadas ao tema proposto com as combinações e termos utilizados.

Em relação ao Quadro 2, a pesquisa com a combinação ABA AND Educação Infantil AND Autismo na BVS possibilitou o encontro de 1 artigo, o qual foi excluído por ser uma publicação estrangeira. Já com a utilização de Autismo AND Educação Infantil AND Análise do Comportamento Aplicada, foi possível encontrar 4 artigos, dos quais 3 foram excluídos por se distanciarem da proposta dessa análise.

Vale mencionar que, como o objetivo é analisar o uso de ABA como estratégia de inclusão em sala de aula, as combinações dos termos deveriam conter “ABA” ou “Análise do Comportamento Aplicada” de modo a ampliar a possibilidade de alcançar os objetivos estabelecidos. No entanto, é evidente que ao inserir o termo ABA junto aos outros o número de material reduziu a zero em uma das bases de dados e levou apenas a 1 material em outra base, o que indica que muito provavelmente o uso de ABA na educação infantil ainda é um campo com pouca produção de material científico produzidos nos últimos anos.

Análise dos dados

Após a coleta do material nas bases de dados selecionadas, seguindo o proposto, foi feita a leitura, resumo e análise do mesmo. Posteriormente, as informações mais pertinentes do material analisado foram distribuídas em um quadro contendo: Título do artigo, ano e autores, instituição, processo de coleta de dados e resultados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a busca nas bases de dados escolhidas previamente, foi encontrado apenas um artigo voltado a temática que estava conforme os critérios definidos. Levando em conta o quanto tais bases são bastante utilizadas no meio acadêmico, é plausível inferir que a produção acadêmica voltada para esse tema específico é aquém do que autora imaginava previamente. Portanto, a seguir segue uma tabela com principais dados do artigo.

Título do Artigo	Ano e autores	Instituição	Processo de coleta dos dados	Principais Resultados
Formação em Análise do Comportamento no contexto da Educação Especial: Variáveis Pessoais e Atitudinais Relacionadas à Inclusão	BENITEZ et al; 2023	UF do ABC, UFSCAr, UEL, IBAC	4 questionários com funções diferentes: um para coletar dados pessoais dos profissionais participantes, o segundo para avaliar o uso de tecnologia computacional associadas a impressões sobre intervenções comportamental e informatização. O terceiro questionário objetivou avaliar os conceitos prévios e finais dos conceitos trabalhados. Já o quarto questionário objetivou coletar dados referentes a validade social dos participantes que concluíram a formação.	-O formato 1 durou 5 meses, onde os materiais foram disponibilizados em uma pasta digital em ordem previamente estruturada e após acessá-la os participantes poderiam a discuti-los a partir de um grupo de aplicativo com mensagens instantâneas. - O formato 2 durou 10 meses e foi reestruturado de modo que teve: redução na quantidade de leituras, revisão de atividades, materiais disponibilizados no AVA (Ambiente Virtual de Aprendizagem). Com o AVA houve mais interação e colaboração entre os participantes. No formato 2 foram acrescentados encontros síncronos por videoconferência, os quais ficavam gravados e eram disponibilizados para quem não conseguia está presente. - O estudo dirigido foi elaborado por cinco Unidades de Ensino, nas duas versões. Sendo que cada unidade foi constituída pela “leitura de textos, realização de roteiros de estudos com questões abertas e fechadas e de uma atividade prática acerca de temas determinados e com objetivos específicos” -Os autores relatam que de acordo com os dados obtidos, a proposta gerou uma percepção positiva nos participantes, no geral. -Participantes consideraram que o conhecimento obtido durante a formação foi satisfatório.

Fonte: elaborado pela autora com base no artigo de BENITEZ *et al*; 2023 (2024)

O trabalho de BENITEZ *et al.* (2023) pontua algumas questões importantes que vale refletir no que se refere a capacitação de pessoas interessadas na educação especial. No entanto, não foi encontrado nada específico mensurando procedimentos de implementação de princípios da ABA em sala de aula, especificamente no contexto

da educação infantil. Nesse caso, é notório que o objetivo dos autores era voltado para capacitação dos interessados em educação especial, que incluíam educadores da escola regular, acompanhantes terapêuticos (ATs), estagiários dos cursos de psicologia e pedagogia, e familiares de estudantes com deficiência sem formação superior.

É perceptível que a importância desse artigo reside em enfatizar a ideia de que a capacitação e engajamento dos educadores na questão da inclusão é um passo importante e necessário para implementação de princípios da ciência ABA em salas de aula regular o que pode favorecer o processo de inclusão. BENITEZ *et al.* (2023) trazem que os participantes com atitudes sociais voltadas para inclusão se engajaram mais na formação e a concluíram, o contrário também sendo verdade, ou seja, aqueles que concluíram a formação ampliaram seu engajamento em atitudes sociais voltadas para inclusão.

Em relação as desistências, os autores mencionam relatos de dificuldades de alguns participantes em algumas unidades do estudo, como responder o último questionário que dependeria da colaboração dos familiares dos participantes da parte prática. Vale mencionar que o estudo ocorreu no período da pandemia da Covid-19, o que, segundo os autores também dificultou a permanência dos participantes em alguns aspectos (BENITEZ *et al.*; 2023).

Por fim, os autores sinalizam alguns elementos relevantes para se pensar a formação de profissionais que atuam na Educação Especial na perspectiva da inclusão, os quais são:

- a) número de leitura disponível por Unidade, número de práticas realizadas,
- b) interação com a família e pessoas (crianças ou jovens) com autismo e/ou deficiência intelectual, c) organização do tempo para estudo remoto, d) escolaridade do agente educacional e familiaridade com a intervenção comportamental, e a inclusão escolar como preditores de formatos futuros para revisão e oferta da formação. (BENITEZ *et al.*, 2023, p.16)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que a quantidade de estudos produzidos no Brasil relacionados a implementação da ciência ABA no contexto da educação infantil como ferramenta de inclusão de crianças com autismo seja limitada, nas bases de dados que utilizamos e com os critérios estabelecidos de antemão, as reflexões trazidas aqui possibilitam provocações necessárias e podem servir de estímulo para produções científicas nacionais futuras voltadas para a temática específica.

No que tange a hipótese inicial levantada, de que não há recursos suficientes na escola regular para um processo de inclusão efetivo, é possível observar que houve avanços nos últimos anos no sentido da criação de leis e estruturação de como

promover a inclusão no contexto escolar, no entanto, ainda há muito a caminhar para uma implementação eficaz de um fazer inclusivo no Brasil. A exemplo do avanço mencionado tem-se a Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012 regulamentada pelo Decreto 8.368 de 2 de dezembro de 2014 que garante uma Acompanhante Especializado a criança com TEA em sala de aula para auxiliá-lo em suas necessidades. No entanto, essa lei não deixa claro qual a formação do acompanhante especializado o que de certo modo pode comprometer o processo de inclusão no quesito de uma implementação pouco eficaz por pouca ou nenhuma capacitação por parte do acompanhante (BRASIL, 2014).

Voltando a pesquisa de BENITEZ et al (2023), seria interessante pesquisas posteriores mensurando os resultados de como a implementação em sala de aula dos princípios da ABA que foram ensinados e praticados na formação estão se dando, caso os profissionais de educação que participaram da formação optaram por usar o conhecimento obtido na sua prática, e caso sim, quais as dificuldades encontradas em seu contexto.

Por fim, vale mencionar que a dificuldade em encontrar materiais científicos produzidos que associam ABA, inclusão, TEA e educação infantil, seguindo a metodologia proposta, demonstra a escassez de pesquisas voltadas para a área específica no Brasil.

Nesse sentido, nossos objetivos foram cumpridos parcialmente uma vez que não foram encontrados materiais com dados relacionados a formas de implementação de ABA na educação infantil com o objetivo de incluir crianças autistas em sala de aula de modo que os dados pudessem ser analisados em relação a efetividade e qualidade do processo de inclusão com ABA como ferramenta naquele contexto.

REFERÊNCIAS

- American Psychiatric Association (APA). **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5-TR** (Texto Revisado). 102-112 p. Artmed, 2023.
- MOREIRA, Marcio Borges; MEDEIROS, Carlos Augusto de. **Princípios Básicos de Análise do Comportamento**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.
- SELLA, Ana Carlina. RIBEIRO, Daniela Mendonça (Organizadoras). **Análise do Comportamento Aplicada ao Transtorno do Espectro Autista**. 1.ed. Curitiba: Appris, 2018. Cap.2 39-44p.
- SKINNER, Burrhus Frederic. **Ciência e Comportamento Humano**. Tradução de João Carlos Todorov, Rodolfo Azzi. 11.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 494 p.
- BENITEZ, Priscila. et al. **Formação em Análise do Comportamento no contexto da Educação Especial: Variáveis Pessoais e Atitudinais Relacionadas à Inclusão**.

2023. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1529199>. Acesso em: 28 de Setembro de 2024

RODRIGUES, A. S. P.; SACHINSKI, G. P.; MARTINS, P. L. O. **Contribuições da revisão integrativa para a pesquisa qualitativa em Educação. Linhas Críticas**, [S. l.], v. 28, p.e40627, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/40627>. Acesso em 29 Out. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. 39 p. Brasília, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 06 de setembro 2024.

BRASIL. MEC/SECADI – Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeduc ESPECIAL.pdf>. Acesso: 06 de setembro de 2024.

BRASIL. **Decreto nº 8.368, de 2 de dezembro de 2014**. Que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/legislacao/154965871/decreto-8368-14>. Acesso em: 28 de Setembro de 2024

